

TRABALHADORES MIGRANTES

À Biblioteca Pública de

Braga

10
MARÇO
1973

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

SEGURANÇA SOCIAL DOS TRABALHADORES MIGRANTES

Artimanhas de Criminosos

A Caixa Central de Segurança dos Trabalhadores Migrantes, cuja acção se desenvolve desde 1965, assinou já acordos de segurança social com a França, Espanha, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Argentina, Estados Unidos e Brasil.

Em função dos mesmos a Caixa Central tem, assim, prosseguindo objectivos tendentes a garantir aos trabalhadores portugueses que exercem actividades naqueles mencionados países, bem como aos seus familiares, a igualdade de tratamento, perante as respectivas legislações de Previdência Social, com os nacionais desses países e assegurar a conservação de direitos adquiridos ou em formação em qualquer dos países signatários, independentemente da mudança de residência de um para outro país, mediante a totalização dos períodos de seguro e equivalentes cumpridos quer em Portugal quer no outro país signatário.

Óbviamente que da sua acção podem beneficiar todos os trabalhadores migrantes e seus familiares, que sejam ou já tenham sido beneficiários de alguma Caixa de Previdência portuguesa ou que estejam ou já tenham estado segurados em instituições congêneres de um país com o qual tenha sido celebrado qualquer acordo de segurança social.

Importa, no entanto, referir, que à Caixa Central não podem ser estranhos, por outro lado, os problemas de segurança social dos trabalhadores portugueses ocupados nos demais países do Mundo, pelo que, além de diversas diligências para procurar aperfeiçoar os acordos já celebrados, também tem dado o seu apoio e colaboração a todas as realizações tendentes à negociação de acordos de segurança social com outros países e a outras iniciativas destinadas a garantir aos trabalhadores migrantes, uma maior protecção social.

A circunstância de grande número de portugueses esta-

rem a trabalhar em França—estima-se em 750 mil esse número—acrescido do facto de cerca de 400 mil se localizarem na região de Paris, levou a Caixa Central, atendendo a que a maioria se debate com vários problemas nomeadamente os do alojamento, a educação escolar dos filhos, regularização de assuntos ligados à segurança social e ao trabalho, a instalar naquela cidade, como zona piloto, um serviço de informação e social.

Mercê da equipa de assistentes e auxiliares, desenvolve-se ali uma intensa actividade no domínio da assistência social. promoção de grupos, informações e esclarecimentos, quer na sede do Serviço Social instalado na Passage Dombasie, 6, quer no serviço externo: nos locais de trabalho, nos aglome-

rados populacionais, em prisões, hospitais e empresas. Deste modo se tem obtido, após estabelecimento de necessários contactos com diversos organismos franceses de segurança social que concederam as maiores facilidades, uma informação mais rápida e mais adequada a todos aqueles que labutam fora da pátria, do que tem resultado os melhores benefícios para os trabalhadores portugueses e suas famílias, sobretudo no que respeita à informação de segurança social, que é do maior interesse para os emigrantes portugueses, pois que lhe dá a conhecer os seus legítimos direitos, bem como as vias pelas quais podem resolver os seus problemas.

N. R.

A DEFESA PSÍQUICA

Tornam-se cada vez mais frequentes, na Imprensa Internacional, os artigos reveladores de que se sente, em muitos países classificados de «evoluídos» e super industrializados, a falta de médicos neurologistas e psiquiatras, bem como de clínicas apropriadas. E assevera-se que esta carência avulta «na proporção alarmante do aumento de número de doentes».

«Le Monde» fala mesmo de «sub-desenvolvimento dramático» da Psiquiatria em França, onde — diz o conhecido jornal parisiense — «é contínuo o crescimento das camadas humanas atingidas por perturbações neuróticas.» O Prof. André Green não hesita em escrever, na mesma gazeta, estas palavras que nos deixam entre atónitos e apreensivos: «A poluição psíquica alastra no mundo com rapidez superior à da poluição das águas e da atmosfera. Não é um problema estritamente francês; é um gravíssimo problema mundial. E

declaração recente de que 73 por cento da população dos Estados Unidos precisa de tratamentos de índole neurológica ou psiquiátrica é significativa. Outros países europeus e americanos poderão, se quiserem ser sinceros trazer a público números não menos assustadores.»

Um ilustre psiquiatra português, que acompanha de perto a evolução da sua especialidade (presente em quase todos os simpósios e congressos) comentou, a tal propósito: Há que acabar com o tabú que rodeia, por enquanto, o recurso ao psiquiatra, no nosso país. Quem recorre a psiquiatras não está necessariamente louco. Tal como o enfarte ou a apoplexia; a loucura não «explode» de repente. Processa-se lentamente, às vezes desde a idade infantil, ganhando sintomas denunciadores na adolescência e, depois, mostrando indícios mais acentuados no período adulto. Ora, havendo

«Continua na 4.ª página»

À primeira vista, o assunto é risível. Depois, se o analisarmos com certa atenção, obriga-nos a cismar e a rever certas indulgências concedidas a esmo... Aconteceu na Ligúria, nalgumas das regiões mais evoluídas da Itália moderna. Há meses e não há séculos.

Mais precisamente, em sexta-feira, dia 17 de Novembro.

Alguém se incumbiu de espalhar nas escolas primárias e secundárias um folheto colorido, no qual se reproduzia, aparentemente, uma das faladas e supostas «profecias» de Nostradamus. Ora, nesse texto assaz confuso, dizia-se que, no

Fumar e usar chamas junto a inflamáveis e explosivos

Uma prática perigosa é fumar ou acender chamas em áreas onde se guardam líquidos inflamáveis ou materiais explosivos. Muitas vezes esses produtos não são armazenados em locais especiais, nem estão devidamente identificados do material e dos avisos de perigo, o homem não os observa por achá-los exagerados.

As recomendações de segurança nunca são exageradas e, neste caso, o homem tem de estar ciente que:

— Todos os inflamáveis são perigosos e o risco é tanto maior quanto mais baixo for o seu ponto de fulgor.

— Fumar perto de materiais inflamáveis e explosivos é um acto inseguro que nunca deve ser praticado.

— O uso de chamas ou outra fonte de calor nesses locais oferece riscos ainda maiores

Materiais inflamáveis como gasolina, por exemplo, são empregados muitas vezes para limpezas diversas. Este trabalho, por si só, é um acto inseguro: acender fósforos ou aproximar-se de uma fonte de calor com as mãos ou a roupa embebidas em qualquer produto inflamável é outra acção que deve ser evitada.

dia referido, terríveis catástrofes destruiriam toda a região de Génova, sem poupar Savona, Modena, Capua e Malta... As crianças leram. Transmitiram. Fugiram das escolas para junto das famílias. E as famílias desalvoraram, sem hesitar, para os campos. E o medo propagou-se como incêndio e restolho seco. Fecharam as casas de comércio. Os operários debandaram das fábricas. Paralizaram os transportes. As estradas encheram-se de carros particulares cheios de gente espavorida carregada de trastes, de alimentos enlatados, de água e medicamentos... «Este é o dia maldito — o dia do fim!» — clamavam, entretanto, em muitos sítios, indivíduos e mulheres vindas não se sabia de onde e que ninguém conhecia. E estes gritos acentuavam o terror e avolumavam o pânico.

As autoridades quiseram intervir. A Radio dirigiu advertências tranquilizadoras. A TV empenhou-se em serenar os ânimos. Mas os folhetos aterradores multiplicavam-se e ninguém raciocinava no meio de intensa barafunda...

Mas passou o dia 17. E nada sucedeu, é claro. Um dia como os outros. Um tanto chuvoso. Nada mais. Então, descobriu-se que um grupo extremista — relacionado com os maoístas, ao que parece — fora o autor da cruel mistificação com o fim de perturbar a tranquilidade pública e aproveitar o ensejo para assaltos a bancos e casas de comércio... «Credulidade ridícula» — dirão. Certamente. Mas não será ridícula e perigosa a aceitação que se dá, mesmo entre nós, por vezes, a boatos alarmistas, a supostas «novidades» absurdas, a campanhas apenas destinadas a semear o susto, a desconfiança e a renúncia?

Há várias espécies de Nostradamus nos nossos dias.

E quanto a folhetos desorientadores, esses não faltam, bem se sabe.

A. M.

- Defesa Necessária - Para curar uma paixão

Todas as forças conjugadas para expandir as mais nefastas drogas alucinogêneas têm diligenciado fazer crer que, nas finalidades do tráfico, «não há intuítos sectários». Tratar-se-ia, apenas, da actividade de «bandos clandestinos movidos por objectivos de ganância — e nada mais».

Esta alegação encobre — é nítido — um propósito: procura-se estabelecer confusão, desviar atenções, originar esquecimento em redor do que foi declarado, publicamente, em Londres, por exemplo, quando inimigos de Portugal anunciaram que, a partir desse momento, iriam lançar uma «ofensiva de drogas» contra a nossa juventude, na Metrópole e no Ultramar.

Os espíritos simples e crédulos perguntarão em que medida essa tática pode tornar-se propícia aos agitadores e aos seus cúmplices. A isto responde por nós o Professor Jean Thuiller, mestre de toxicologia, perito dos chamados «venenos do espírito». Veja-se que esta classificação de Thuiller — «venenos do espírito» — já revela a verdadeira índole do criminoso intuito.

O uso das drogas conduz quem o pratique a um «desejo de irracional», escreve o famoso especialista. Causa uma espécie de embriaguês psico-somática, seguindo-se manifestações que reduzem a pessoa mais culta e civilizada ao nível dos primitivos, dos que primeiro ingeriram plantas e frutos causadores de delírio. A habituação conduz, muitas vezes, à catatonia, a explosões de esquizofrenia capaz de se tornar homicida. Em qualquer caso, em grau menor ou maior, o indivíduo perde a personalidade, cai num ciclo de crises que o conduzem à auto-destruição do semelhante. A dissolução moral e espiritual processa-se com crescente rapidez. A vontade própria desaparece e coloca a pessoa à mercê de quem queira dispôr dela para qualquer fim. A actividade mental

vai rolando pelo declive das confusões. A hierarquia dos valores é eliminada. Caminha-se em pleno onirismo, até se dar a despersonalização. A partir daí, que resta? Escombros de uma estrutura psicológica, personalidade despedaçada, frangalhos de consciência».

É isto que os propagadores das drogas pretendem. Cada indivíduo — jovem ou adulto — ou se torna inválido ou age, na sequência, conforme lhe determinem ou sugram, reagindo «como alguém que esteja hipnotizado, reduzido a automato».

«Sem razão crítica, sem controle dos instintos, sem vontade própria», nenhuma resistência se oporá aos propagandistas de costumes perversos — outro meio de decomposição, como é geralmente sabido.

Se cada indivíduo dotado de inteligência e cada família consciente do perigo reagirem, em devido tempo e com tacto, a ameaça será vencida. É o que importa!

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

ver que intrusão é o senhor. Digo-lhe mesmo mais: Se não conseguir falar à senhora, vou imediatamente queixar-me à polícia; e veremos quem leva a melhor!

Esta atitude decidida de Carmencita, obrigou o mordomo a mudar de conduta. Lançou um olhar de desprezo à rapariga e, tomando um ar grave, respondeu:

—A menina, com esse aspecto de pessoa ingénua é, afinal, um tanto perigosa, como um bicho... Mas, está bem. Falará à senhora, mas depois os criados se encarregarão de a pôr na rua!

E sem esperar resposta, grave e altiva, deu meia volta e desapareceu por uma porta que um reposteiro encobria.

Carmencita respirou.

Mas, assim que D. Gonçalo saiu, apareceu imediatamente um criado que lhe disse:

—Tenha a bondade... A senhora espera-a.

—Graças, meu Deus! — murmurou Carmen, apertando mais a criança ao peito.

O servo introduziu-a num salão de estilo Luís XV, os móveis, de pés curvos e linhas finas estofados em seda cujo desenho se harmonizava com o próprio estilo, tinham o mesmo cunho artístico do tecto, das paredes e das próprias alcatifas.

Do tecto pendia um rico lustre de cristal, com vários braços onde as lâmpadas estavam suspensas. O tecto, em vez de ter ornatos era liso, com uma larga lista dourada que enquadrava um belo fresco com cenas de Versailles, cópia fiel de uma miniatura de Watteau.

O criado desapareceu.

Carmencita ficou só, muito contente, aconchegando a criança ao seio, e dizendo-lhe com a sua habitual ternura:

—Foi a tua inocência que me deu coragem para falar altivamente a esse malcriado D. Gonçalo. Mas, meu querido filho, quem manda aqui nesta casa, és tu. Tu és que és o dono de todas estas maravilhas! O senhor D. Gonçalo, que se julga patrão, não passa de um simples mordomo!

Era enternecedor ouvir todo este discurso feito a uma criança recém-nascida!

Dissolvem em água fria
D'um chafariz de alegria
Três gramas de esquecimento,
Seis decigramas de gozo
E refresquem num momento
O coração fervoroso.

À noite, se ainda dura
O sintoma da ternura,
Aqueçam se for possível
Oito gotas de sorriso
Na candeia de experiência
Meia dose de prudência
Na frigideira do riso.

Esta bebida comum
É p'ra tomar em jejum
Depois coloca-se o amor
No pedestal da razão
Amarrado a uma flor
Que se chama ingratidão.

A raiva faz-se em pedaços,
Sem se dizer — «Eu amaval»
Não queiram embaraços
Ciúmes mandam-se à fava
E a esperaça do casamento.
Não a tratam com carícia
Se despontar o tormento
Mandem chamar a polícia.

E passando uma semana
Do tratamento apurado
Cessou a mágoa tirana
Hão-de ouvir dizer e rir
O doente já contente:
—Vou melhor muito obrigado.—

Quem ouvisse Carmen, havia de supor que o pequerrucho era seu filho, tal era a ternura com que lhe falava.

* * *

O tempo ia decorrendo e a duquesita, como lhe chamavam, nunca mais aparecia. Já muito farta de esperar — haveria talvez mais de uma hora que ali estava — resolveu abrir a porta por onde tinha entrado, mas reconheceu que estava fechada à chave.

Alarmou-se, mas, como havia outra porta, correu a abri-la, sem que o conseguisse. Estava igualmente fechada.

—Oh! — disse de si para si — Fecharam-me à chave!... Razão tinha o «Pardal» em querer acompanhar-me. Mas, porque razão me encerraram aqui? Deve ter sido o antipático mordomo. Pobre menino Julgo que estamos aqui presos só para que eu não possa entregar-te à tua mãezinha!

ATRÁS DO REPOSTEIRO

Quando o «Pardal» bateu na porta do aposento com os nós nos dedos, ninguém lhe respondeu.

Então, o astuto engraxador, deu volta ao puxador e abriu a porta sem ruído, tornando a fechá-la com cautela. Encontrou-se então em face de grossos e pesados reposteiros de veludo castanho escuro que chegavam até ao mosaico preto e branco, à maneira dos tabuleiros de xadrez.

Nisto, quando resolvera avançar, ouviu um murmúrio de vozes, e pôs-se à escuta.

Eram três pessoas que falavam, o que era fácil de verificar pelo acento diferente das vozes.

Uma delas, tinha uma acentuação grave, seca, autoritária; outra, que ao «Pardal» pareceu ser uma voz já sua conhecida, era de veras áspera; a terceira, que pelo timbre devia ser voz de mulher jovem era musical, argentina, mas também revestida de uma certa autoridade.

A voz grave e seca, dizia:

—... Não posso tolerar isso de modo nenhum! Queres que Maírid em peso fique a saber do que se trata? E a tua reputação?... A honra da duquesa de los Brenos não deve andar nas bocas do mundo! Horroriza-me essa ideia!

—A culpa foi da Gertrudes! — replicou a voz musical e argentina — Quem se lembraria de deixar a criança ali, naquele sítio?

—Eu sabia lá o que fazia?!... — respondeu a voz áspera.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Dívida de Gratidão

Como sempre tenho demonstrado o meu respeito e gratidão aos valores humanos que abriram as portas à cultura do espírito em Portugal, ocupo-me hoje da fundação da Universidade Portuguesa, que se deve, como outras coisas não menos valiosas, como sejam Igrejas e monumentos, às ordens Religiosas.

Anteriormente a 1290, Portugal não possuía nenhuma Universidade, o que não deve surpreender, pois que, se a França, Itália, Inglaterra, Leão e Castela, tiveram estudos gerais antes que o nosso país, outros estados da Europa, e dos mais cultos e importantes, só mais tarde as viram surgir no seu solo.

As primeiras negociações para a fundação duma Universidade no nosso país ascendem a 1288, mas é provável que já antes tivessem sido feitas diligências nesse sentido. As negociações de 1288 estão provadas pelo testemunho de uma carta dirigida ao Papa Nicolau IV por alguns preladados de mosteiros e reitores de Igrejas seculares.

Nesse documento, de Monte-Mor-o-Novo em 12 de Novembro de 1288, o abade de Alcobaça, os priores do Mosteiro de Santa Cruz e de S. Vicente e tantos outros bem como vinte reitores de 20 Igrejas de vários pontos do reino, declararam ter deliberado e assentado, conjuntamente com outros preladados, religiosos e seculares, na necessidade de em Portugal haver uma Universidade. A petição foi remetida ao Papa Nicolau IV, mas o pedido tardou em ser atendido na Cúria, e, afinal a Universidade veio a ser fundada por D. Dinis, antes que o Pontífice tivesse oficialmente concedido a autorização que lhe fora solicitada. A Universidade Portuguesa nasceu, pois, de um plano elaborado por eclesiásticos e religiosos, adaptado e posto em prática pela generosa boa vontade do Rei D. Dinis. Ao Clero e a D. Dinis pareceu indispensável

que o pontífice aprovasse a fundação o que fez graças ao seu talento e à amizade por Portugal com quem Roma ainda hoje pode contar porque é uma dívida de gratidão que Portugal contraiu e só pode ser saldada com o respeito Eterno por todas as Instituições Religiosas existentes e que por Roma sejam criadas.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carracedo

Amares

EDITAL

Dr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo, Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Amares:

* * *

FAÇO SABER QUE, nos termos do § 1.º do art.º 27.º dos Estatutos desta Misericórdia, convoco todos os associados para no dia 5 de Abril, se reunirem em Assembleia Geral, a fim de se pronunciarem acerca das Contas de Gerência do exercício findo de 1972, a qual terá lugar na sala das reuniões do edifício do Hospital desta Santa Casa, sita na Rua Dr. Eduardo Gonçalves, pelas 16 horas.

Não comparecendo número suficiente de associados (maioria), funcionará a mesma Assembleia uma hora depois com qualquer número.

Para constar se lavrou este e outros de igual teor que serão afixados nos lugares de costume.

Amares, 7 de Março de 1973

O Presidente da Assembleia Geral

ALBERTO CUNHA

ANIVERSÁRIO

No passado dia 8, quinta-feira, passou o 72.º aniversário do sr. Alberto Cunha, natural desta Vila.

Ao Cunha, que se vai tornando figura típica nesta Vila, a Petisqueira deseja muitas felicidades, e que esta data se repita por muitos e alegres anos.

Parabéns

Vida Alegre

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, o sr. João Paulo Barbosa de Macedo, ausente na América e o sr. Alberto da Rocha Barbosa.

No dia 14 o sr. dr. Manuel Arantes Rodrigues.

No dia 15 a menina Maria do Céu da Silva Pereira e no dia 16 o sr. João Augusto de Almeida.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

* * *

Gentil Aniversário

No passado dia 6 festejou o seu aniversário natalício a menina Maria da Conceição Gomes de Matos, natural e residente com seus pais em Lisboa.

Um assinante da Tribuna cumprimenta-a e deseja-lhe muitas felicidades.

Parabéns

* * *

SALVÉ - 11 - 3 - 73

António Pereira da Silva

Amanhã, passa mais um aniversário natalício o nosso particular amigo sr. António Pereira da Silva, que actualmente se encontra de férias entre os seus familiares.

Longa vida lhe desejamos e muitos parabéns pela passagem de mais um aniversário.

Pombo Correio

Portador da anilha n.º 1928-25-Port. 11 encontra-se em casa do sr. Carlos da Silva, da freguesia de Caires.

A N E D O T A

—Então, quanto quer pelo automóvel?

--Oitenta mil escudos!

—É muito, bastava metade...

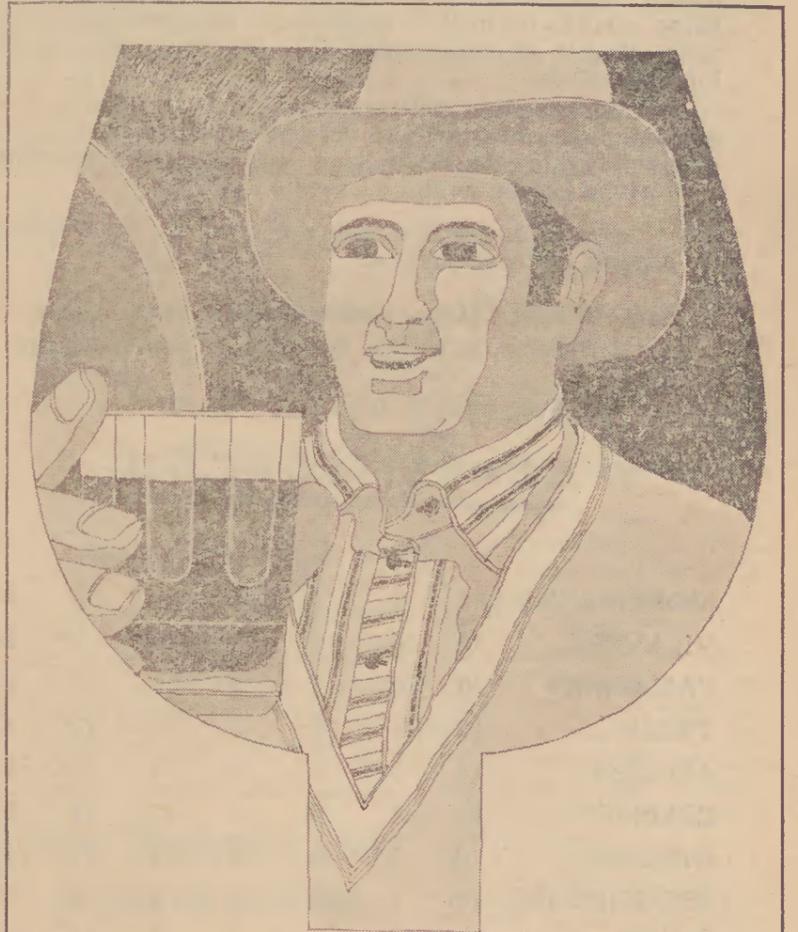
—Desculpe, eu só vendo o automóvel inteiro.

DESPORTOS

A selecção de futebol de Israel, que no próximo dia 20 defronta a equipa do Sporting no Estádio José de Alvalade, em Lisboa, desloca-se também à cidade do Porto, a fim de jogar com o Futebol Clube do Porto, no dia 24. Deste modo, tanto os «leões» como os «portistas» aproveitam a pausa no Campeonato, motivada pelo jogo Irlanda-Portugal a contar para a fase preliminar do Campeonato Mundial, para realizarem jogos internacionais.

* * * *

A fim de defrontar o Marítimo em jogo particular, desloca-se ao Funchal a equipa de futebol dos «Belenenses». Por outro lado, sabe-se que a equipa «azul» procura assegurar o concurso do guarda-redes Conhé, actualmente a representar a CUF, para substituir Mourinho, já com 35 anos.



com Antracol
não diga porque sim
"diga porque sei"

- Porque sei que tem poderosa acção fungicida.
- Porque sei que evita o desavinho ou atraso de vegetação.
- Porque sei que tem uma persistência inultrapassável.
- Porque sei que não provoca o choque cúprico.
- Porque sei que devido às suas qualidades se deve utilizar para aplicação exclusiva da 1.ª à última cura.
- Porque sei que Antracol garante a máxima eficácia no combate contra a excoriose — uma doença pouco frequente.
- Porque sei que marca perfeitamente de azul as videiras tratadas.
- Porque sei que Antracol responde, positivamente, à confiança da Lavoura que sabe.
- Porque sei que é, na sua aplicação um dos fungicidas mais económicos do mercado.

Antracol é Bayer



Porque sei que...
Antracol
vence o Mildio
e também a excoriose

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanaário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

FUTEBOL

Campeonato Regional da II Divisão

AMARES, 2 - PALMEIRAS, 2

**Dois deslizes da defesa a oferecer
2 golos ao Palmeiras**

Tal como se previa o jogo com o Palmeiras revestia-se de certas dificuldades não só pelo valor do adversário como também por não podermos contar com o valoroso concurso de Janela.

A nossa defesa, acusou em demasia a falta do seu treinador, acumulando erros sobre erros, na base dos quais estiveram os golos do adversário.

Sinceramente não gostamos do Palmeiras. Apenas admiramos no nosso adversário o entusiasmo com que lutaram pela camisola que representam, embora alguns dos seus elementos, especialmente o seu treinador tivessem exagerado ao cometer agressões sem bola no que já é herdeiro e vezeiro. Mau exemplo dá o mestre aos seus alunos ao incitá-los a atitudes menos corretas e anti-desportivas. Com um árbitro doutra categoria essas faltas teriam levado o incorreto jogador a recolher às cabinas antes do termo da partida. Uma das agressões cometidas foi vista por um fiscal de linha que imediatamente informou o árbitro. Este porém, nada ligou, e acabou por ser vítima do seu mau trabalho, quando no final do encontro se viu agredido por um assistente, em atitude condenável e que deixou todo o público revoltado.

A nossa equipa realizou boa exibição e obteve dois golos de belo efeito. Se não fora as falhas já referidas por uma defesa que vale muito mais que aquilo que mostrou, a vitória não teria fugido.

Para este encontro que teve um final de triste memória o nosso clube apresentou:

**Leandro; Veloso, (Jorge) Cardoso Gonçalves e Dr. Janela;
Quim e Fronteira, M. António, Rodrigues, Zé João e Carneiro.**

Marcaram, Rodrigues e Zé João

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
MOREIRENSE	10	7	2	1	23	6	16
VILAVERD.	10	6	2	2	15	9	14
PALMEIRAS	10	6	1	3	19	11	13
TADIM	10	3	6	1	12	14	12
AMARES	10	5	1	4	17	16	11
CELEIRÓS	10	4	3	3	12	14	11
NINENSE	10	3	4	3	16	17	10
SEQUEIRENSE	10	1	8	1	6	6	10
RONFE	10	3	1	6	11	13	7
FERREIRENSE	10	2	3	5	14	20	7
OLIVEIRENSE	10	2	2	6	10	18	6
A. BAULHE	10	1	1	8	10	22	3

RESULTADOS DA JORNADA

AMARES 2 — PALMEIRAS 2
CELEIRÓS 1 — VILAVERDENSE 1
SEQUEIRENSE 1 — A. BAULHE 1
RONFE 4 — NINENSE 1
MOREIRENSE 1 — FERREIRENSE 0
OLIVEIRENSE 2 — TADIM 2

PRÓXIMA JORNADA

TADIM — AMARES
PALMEIRA — SEQUEIRA
A. BAULHE — CELEIRÓS
VILAVERDENSE — RONFE
NINENSE — MOREIRENSE
FERREIRENSE — OLIVEIRENSE

A DEFESA PSIQUICA

uma intervenção a tempo, acabando com a explicação pueril, — e muitas vezes falsa — de «esgotamento nervoso» de «cansaço nervoso», de «depressão nervosa», etc., e recorrendo a um psiquiatra consciencioso, poderá obter-se o tratamento adequado e afastar o «fantasma» que paira sobre o indivíduo afectado. Se se recorre ao especialista para cuidar de qualquer perturbação orgânica, com receio de enfarte ou da apoplexia, porque não usar o mesmo prudente sistema quanto ao que respeita à mente e ao sistema nervoso? Porque, entre nós, esboçado está um surto de neuroses e psicoses que convém olhar de perto»

Seja como for, o ruído é considerado um dos maiores provocadores deste surto.

Se há uma terapêutica ao nosso alcance, também há uma profilaxia.

E a luta contra o ruído parece constituir um dos meios que urge aplicar sem demora.

SALVÉ - 17 - 3 - 73

**D. Maria de Fátima Barros
Azevedo Gonçalves**

Sábado, dia 17, passa o aniversário natalício da Sra. D. Maria de Fátima Barros Azevedo Gonçalves extrema esposa do nosso assinante e colaborador sr. Narciso Gonçalves, distinto Chefe da Repartição de Finanças de Vieira do Minho.

Seus filhos desejam a sua Mãezinha que esta data seja por muitos e felizes anos repetida, e, com um abraço, pedem a Deus para ela as bênçãos do Céu neste dia de aniversário.

Parabéns

Aniversário Pequenino

No passado dia 28 de Fevereiro festejou o 4.º aniversário natalício a menina Carminda Gonçalves de Puga, filha dos nossos estimados assinantes srs. Ceferino Puga, e D. Carminda Gonçalves, proprietários do Restaurante «Os Arcos» em Paço d'Arcos - Lisboa.



ANIVERSÁRIO

Jalme de Abreu Dias

No próximo sábado, dia 17 do corrente, comemora mais um aniversário natalício o Sr. Jaime de Abreu Dias.

Ajudante do Cartório Notarial de Amares, o sr. Dias é também Vereador Municipal onde o seu dinamismo e amor à terra se tem salientado para que a mesma progrida e se eleve ao nível das outras.

Por isso, e por se tratar de figura prestigiosa, «Tribuna Livre» endereça-lhe cumprimentos e deseja-lhe que, na companhia de sua idolatrada esposa e filhinhos, esta data se repita por muitos e felizes anos.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro e Províncias Ultramarinas	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Telefone dos Bombeiros

ros V. de Amares

62162

5.ª COLUNA

Já de há tempo que pretendia falar do «cessar fogo» no Vietnam. Não o fiz por decôro. Aguardei as consequências do «embandeirar em arco» da Imprensa mundial. Mas comecei por ficar mal impressionado com a mistura de cores das «bandeiras».

É que o acordo estabelecido em Paris disse respeito a «cessar fogo» Pois logo a Informação especulativa atirou para a frente o seu almofariz, qual farmacêutico a manipular o remédio...

Assim apresentou-nos o «cessar fogo» o armistício, a paz! Incrível, mas verdadeiro!

Formaram-se comissões disto e daquilo — diziam-nos — e finalmente surgiu a comissão que regularia e inspeccionaria o cessar fogo. Naturalmente. Nem outra havia a instituir.

De facto, ela lá está no campo de batalha do Vietnam com toda a sua classe mas sem qualquer autoridade. Pelo menos leu-se que a delegação que no Vietnam, a bordo de um avião, aterrou próximo dum campo de prisioneiros, apenas ali pôde demorar dez minutos, por não lhe ser consentida a visita que ia fazer ao campo prisional.

A razão? Ignora-se.

Ora, mistura por mistura, também me afoito a juntar no almofariz outra notícia sobre uma sobra de índios que vivem no Paraguai e estão a ser dizimados por meio de genocídio aviltante e bem patente para a nossa Civilização, pois que, serão mortos, são enviados para reservas aonde perecem por subalimentação e maus tratos.

Talvez que esta mistura no almofariz do meu espírito do motivo da não autorização para a delegação no Vietnam ter visitado o campo prisional. Será?

Seja ou não seja, tudo nos dias de hoje é tão nebuloso que, de cogitação, nada se assemelha a armistício nem paz. Quando muito há um cessar fogo relativo. Daí os exageros habituais da Informação.

Não admira. Também o meu consagrado confrade Elísio Gonçalves exagerou falando desta Coluna e ninguém o incomodou.

Não é verdade, Leitor?

EME ABRIL

Assuntos no Brasil

Até 30 do corrente, comprou no Rio de Janeiro e São Paulo, casas, apartamentos. Direitos de Heranças totais ou indivisas e Acções do Banco do Brasil.

Informa: Telef. 62267 - Amares

CATOLINO